

UNGER, PRAGMATISMO ROMÂNTICO E DEMOCRACIA RADICAL

José Crisóstomo de Souza¹

Universidade Federal da Bahia
jose_crisostomo@uol.com.br

RESUMO: Unger tem obra sólida e extensa, referência em teoria social e política, principalmente nos EUA, marcada por clara dimensão filosófica e uma perspectiva de Terceiro Mundo e de Brasil, contextos onde vê inauditas oportunidades de invenção e mudança, de significado e alcance universais. Criação, mudança, ação, imaginação, futuridade e pessoalidade têm lugar destacado na sua original filosofia de fundo, pragmatista, democraticamente empenhada, explicitada no recente *The Self Awakened: Pragmatism Unbound* — em agudo contraste com o espírito dominante da comunidade filosófica brasileira, mais caracterizada por trabalhos de comentário e exegese de textos canônicos, do que Unger chamaria de filosofia perene. O que não significa que sua posição filosófica se valha apenas da experiência social e dos recursos de pensamento do Novo Mundo, dos EUA e de países emergentes, mas também recursos alemães e europeus, do hegelianismo de esquerda, do romantismo, do reformismo social. Para conceber um processo democrático

novo e radical, orientado pela capacidade humana de transcendência, na cultura, na economia, na sociedade, para a transformação e fluidificação da vida institucional e de pensamento. Tudo isso sugere que pode ser proveitoso envolver-se com sua proposta de atualização da filosofia, seja para criticá-la, descartá-la, corrigi-la ou desenvolvê-la.

PALAVRAS-CHAVE: Unger; Brasil; Pragmatismo Romântico; Jovem Hegelianismo; Filosofia.

ABSTRACT: Unger has an important and extensive work, a reference in social and political theory mainly in the U.S., marked by a clear philosophical dimension and a perspective from the Third World and Brazil, contexts where he sees unexpected opportunities for invention and change, of a universal meaning and reach. Creation, change, action, imagination, futurity and personality have a special place in his original, pragmatist, background philosophy, democratically engaged, made explicit in his recent *The Self Awakened: Pragmatism Unbound* — in sharp contrast with the dominant spirit of the Brazilian philosophical community, marked by the work of commentary and exegesis of canonical texts, of what Unger would call perennial philosophy. That, however, does not mean that his philosophical position finds support only in the social experience and resources of thought of the New World, the U.S. or emergent

countries, but also in German, European resources: left Hegelianism, romanticism, social reform. To formulate a new and radical democratic process, based on human capacity for transcendence and change in culture, economy, society, and the flexibilization of thinking and of institutional life. This suggests that it may be advantageous to engage with his proposition of an actualization of philosophy, either to criticize, discharge, correct or develop it.

KEY-WORDS: Unger; Brazil; Romantic Pragmatism; Young Hegelianism; Philosophy.

RORTY, UNGER E O ROMANCE DE UM FUTURO NACIONAL

Roberto Mangabeira Unger é talvez o mais importante filósofo brasileiro dos nossos dias. E possivelmente o mais interessante e provocativo — a julgar pelo seu recente *The Self Awakened: Pragmatism Unbound* (O Eu Despertado: Pragmatismo sem Peias), de 2007, ainda não traduzido para o português.² Professor em Harvard desde os anos 1970, com uma obra extensa e respeitável, com uma audiência global, lido por gente como Perry Anderson, Jürgen Habermas e Richard Rorty, ele é principalmente uma referência capital no cenário intelectual e acadêmico norte-americano, nas áreas do direito³ e, principalmente, da teoria social e política. Unger produziu até aqui, avalia Geoffrey Hawthorn, nada menos do “*que poderia ser a mais poderosa teoria social da segunda metade do séc. XX*”.⁴ Não é pouca coisa; trata-se de “*uma cabeça filosófica saída do Terceiro Mundo para se tornar profeta do Primeiro*”, acrescenta Perry Anderson, para quem Unger “*faz parte da constelação de intelectuais do Terceiro Mundo ativa e respeitada no Primeiro, sem ter sido assimilada por este*”.⁵ Unger tem mais a ver com o Brasil do que isso, porém, e não apenas por ter sido ministro para assuntos estratégicos, do governo brasileiro, de 2007 a 2009.

No *Política: Um Trabalho de Teoria Social Construtiva*, de 1987,⁶ Roberto Mangabeira Unger já se mostra um pensador que, mesmo residindo num outro país, pensa o

Brasil e a partir do Brasil — tanto quanto a partir do mundo mais amplo (para além do Atlântico Norte) e diversificado, pós-colonial, ora emergente.⁷ “*Um homem cuja cabeça está em outro lugar*”, “*um filósofo brasileiro*” empenhado no “*romance de um futuro nacional*” — como o vê Richard Rorty, num ensaio cheio de terna simpatia pelo projeto. No ***Política***, Unger encara a “*instabilidade exemplar do Terceiro Mundo*” e, dentro dela, “*o exemplo brasileiro*”, como prenhes de possibilidades, frente à relativa falta de perspectiva do Norte desenvolvido. E ele o faz — bem percebe Rorty — à maneira poética de Walt Whitman, que, no séc. XIX, contrastava romanticamente a promessa de uns Estados Unidos ainda por fazer, com uma Europa morna e já realizada, voltada para o passado. Unger, analogamente, caracteriza agora “*a cultura do pensamento social e histórico*” do Atlântico Norte como “*alexandrina*” e “*decadente*”, em contraste com um Hemisfério Sul obrigado a ser original e inventivo, mesmo que apenas para alcançar algumas das conquistas do Primeiro Mundo. Ele ouve soar no Brasil, apesar de tudo, “*a voz de uma oportunidade transformadora*”, em que homens e mulheres poderiam encarar a luta política como “*participação num experimento exemplar*”, que configura “*outras opções possíveis para a humanidade*”.⁸ Essa é a visão que Mangabeira Unger sustenta, do mundo e do Brasil, enquanto procura criticar e ultrapassar, já a partir de ***Conhecimento e Política***, de 1975, as limitações dos conceitos e instituições democrático-liberais tradicionais,

em prol do que ele concebe como uma democracia viva e transformadora, animada por indivíduos criativos e rebeldes, para além da social democracia e dos “determinismos estruturais” do marxismo.

UM FILÓSOFO BRASILEIRO — NEODESENVOLVIMENTISTA — DE ULTRAMAR

Nascido no Brasil, de mãe baiana e pai alemão-americano, Roberto Mangabeira Unger formou-se em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, para tornar-se em seguida aluno e logo professor da Universidade de Harvard. E parece ter herdado traços tanto do talento poético da mãe quanto da vocação política do avô materno, que foi governador e senador da Bahia. Ele veio mesmo a ser um filósofo que quer transformar o mundo, e para isso tem se engajado e ao seu pensamento, na prática, de diversas maneiras. Reconhecível ao público brasileiro principalmente como homem político e por seu forte sotaque norte-americano, Unger, embora permaneça entre nós pouco conhecido como pensador e menos ainda como pragmatista, pode ser considerado como um “filósofo brasileiro de ultramar”. O que não haveria de representar um problema, em comparação com o que em geral tem sido a filosofia no Brasil nas últimas décadas. Pois, constituído por professores brasileiros sem sotaque estrangeiro, o Departamento de Filosofia da USP, por exemplo, que se tornou matriz formadora da filosofia acadêmica brasileira, já foi apelidado, ao reverso, de “departamento

francês de ultramar”.⁹ E no caso, pode-se acrescentar, como resultado de uma importação sem muita “transferência de tecnologia”: aprendemos com os franceses, não a fazer filosofia, que isso ficou mais para eles próprios, mas a estudar exaustivamente os grandes filósofos europeus, históricos, infelizmente apenas como seus eternos — competentes e apologeticos — comentadores. A essa influência marcante — antípoda, em especial, do que se faz predominantemente nos Estados Unidos em termos de filosofia — Roberto Mangabeira Unger, entretanto, escapou.

Seria plausível imaginar que ele, em vez disso, foi de algum modo marcado pelo viés nacionalizante e ensaístico, mais autônomo, que a elaboração brasileira de pensamento conheceu, no Rio de Janeiro, entre 1960 e 1970. E imaginar que seu neodesenvolvimentismo democrático-radical retoma criticamente o marco hegeliano-sartreano (também marxiano), de esquerda, do pensamento de um Álvaro Vieira Pinto.¹⁰ Pois algo disso encontra-se sem dúvida em *The Self Awakened: Pragmatism Unbound* — ao mesmo tempo uma sùmula, uma introdução e um coroamento da extensa obra de Mangabeira Unger. É o mais filosófico de seus trabalhos, mas é também um texto programático, entre ensaio e manifesto mobilizador, enfaticamente marcado por seu tom visionário, romântico e absolutamente assertivo. “Pragmatismo liberto” (*unbound*) evoca, não por acaso, Prometeu liberto, desacorrentado, sem peias, o rebelde herói mitológico, emancipador, dos românticos do século XIX europeu, de Goethe, Byron, Sheley — e Marx.

PRAGMATISMO JOVEM-HEGELIANO E REBELDIA ROMÂNTICO-PROMETEICA

No *Self Awakened*, Unger começa por desenvolver, como suporte de sua proposta política e também existencial, o que chama de pragmatismo radical, ou radicalizado, liberto de possíveis limitações “metafísicas” e “naturalistas” remanescentes em Charles Peirce, William James e John Dewey, pragmatistas originários, clássicos, e oposto às suas “emasculadas” (moderadas) versões contemporâneas, neo-pragmatistas (imagino que, para Unger, bem representadas por Richard Rorty, Hilary Putnam ou Jürgen Habermas). Mangabeira Unger mostra preocupação por estar assumindo a posição filosófica mais própria da superpotência hegemônica (os EUA), um escrúpulo que julgo, porém, desnecessário. Primeiro porque, no *establishment* filosófico estadunidense, a “doutrina oficial” tem sido antes, de há muito tempo, a filosofia analítica (hoje em franca revisão e recuo). Segundo porque pessoas um pouco informadas já sabem que o pragmatismo norte-americano tem sido, na verdade, historicamente, uma posição filosófica progressista e generosa, predominantemente de esquerda, por vezes expressamente anti-imperialista. E, por fim, porque se trata de um desenvolvimento filosófico predominantemente norte-americano mas muito influenciado, desde o começo, pelo pensamento “continental”, particularmente de Kant e Hegel,¹¹ e de uma elaboração de pensamento que encontrou expressões também fora dos EUA (v.g. na Inglaterra, na França e na Itália), sendo paragmatista hoje a posição assumida de notáveis filósofos críticos, não americanos, como Jürgen Habermas, por exemplo. Aliás, pode-se hoje

em dia encontrar uma inflexão pragmatista em parte significativa da filosofia contemporânea, seja da política ou da ciência, etc., inclusive no pensamento de seus mais notáveis expoentes, como Heidegger ou Wittgenstein.

Em comparação com outras formulações contemporâneas do pragmatismo, a de Roberto Unger — original, nada ortodoxa — de fato recupera e radicaliza seu sentido prático — criador, futurista, e sua vocação democrática-experimentalista (assumidos entre nós, na educação, pelo pragmatista Anísio Teixeira). Ao mesmo tempo, para isso, a elaboração de Unger, a meu ver, acentua tremendamente a filiação hegeliana que o pragmatismo em boa medida já traz, mais claramente em John Dewey e George Mead. Com uma filosofia que incorpora ingredientes encontráveis em hegelianos de esquerda como Karl Marx, Max Stirner e particularmente Bruno Bauer, e que comporta ainda ressonâncias nietzschianas,¹² é curioso ver Unger retomar no século XXI a noção hegeliana de autoconsciência bem como a dialética dissolvedora/reapropriadora que opõe a livre iniciativa prático-transformativa dos homens às estruturas “naturalizadas” e “congeladas” — da sociedade, da política e do pensamento, até aqui.¹³ De qualquer modo, para seus propósitos teóricos e práticos, Unger foi mesmo bater na porta filosófica certa, conseguindo, por aquela via jovem hegeliana, renovar, à sua maneira, as opções e concepções da esquerda, há tempos paralisada entre democracia liberal tradicional e marxismo como “linguagem única” da crítica e da mudança.¹⁴

O próprio Unger reconhece que os temas do *Self Awakened* poderiam — em lugar do pragmatismo — ser igualmente desenvolvidos a partir de Hegel, do romantismo filosófico

ou do historicismo (p.28). Em *What Should the Left Propose* (*O Que a Esquerda Deve Propor*), ele admite que a maior influência sobre seu corpo de pensamento — “*com exceção da influência ainda maior do cristianismo*” — é a “*filosofia alemã*” (p.109). E seu muito filosófico *Passion, an Essay on Personality* (*Paixão, um Ensaio sobre a Personalidade*) tem como principal preocupação “*oferecer uma crítica e uma reconsideração modernistas da imagem cristã-romântica do homem, que forma a tradição central do pensamento do Ocidente acerca da natureza humana*” (p.VII). No recente *Self Awakened*, entretanto, Unger vai francamente preferir as fórmulas — ou “*o rótulo*” — do “*pragmatismo*”, porque, segundo ele, “*representa a filosofia atualmente mais viva*”, “*não entre professores universitários, mas no mundo*” (p. 28). E é ao mesmo tempo uma corrente de pensamento que propõe uma “*radical mudança de rumo de doutrinas e métodos (...), e de formas amplas de consciência que se têm espalhado pelo mundo*” (p.28-29).¹⁵

Ao fim e ao cabo, de todo modo, embora *The Self Awakened* não mencione expressamente o Brasil, nem qualquer outro país em particular, ainda assim pode ser tomado como uma elaboração filosófica que corresponde ao “*romance de um futuro nacional*”, aquele das preocupações de Unger. Uma elaboração filosófica com pontos de contato com o que tenho defendido como “*poética pragmática*” (pela celebração da ação humana como criação sensível), e um exemplo do gênero de filosofia que chamo de “*filosofia como coisa civil*” (pelo seu envolvimento, não “*sempiterno*”,

com o tempo e o contexto).¹⁶ Certamente pode-se questionar o *Self Awakened* por assertivo demais (dialógico de menos), por um tanto esquemático (o que pode ser desculpável num manifesto), e mesmo por juvenilmente romântico (o que pode ser politicamente complicado). Discutir particularmente esse livro de Mangabeira Unger, entretanto, é uma tarefa que promete, de qualquer forma, resultado bom e certo para a comunidade filosófica brasileira, muitas vezes exageradamente “histórico-exegética” ou até, no limite, “escolástico-academicista” (tudo que o *Self Awakened* não é). Tarefa promissora porque, corroborando-o ou, em primeiro lugar, criticando-o (e para ambas as coisas não faltam motivos), alguns de nós poderíamos até, ao fazê-lo, acabar de fato nos apanhando — surpresos — fazendo filosofia.



NOTAS

¹ Professor titular do Departamento de Filosofia da UFBA.

² *The Self Awakened: Pragmatism Unbound*, Cambridge: Harvard University Press, 2007. Edição em língua espanhola: *El Despertar del Individuo. Imaginación y Esperanza*, México: Ed. Fondo de Cultura Económica, 2009.

³ Na esfera do direito, os trabalhos e a influência de Roberto Mangabeira Unger tiveram notáveis e amplas consequências práticas, transformadoras, através do progressista “Movimento de Estudos Críticos de Direito” (*Critical Legal Studies Movement*), para o qual escreveu (com esse título) o que veio a ser considerado seu manifesto.

⁴ Geoffrey Hawthorn, “Practical Reason and Social Democracy”, na *Northwestern University Law Review*, Summer, 1987, 81 Nw. U.L. Rev. 766.

⁵ Perry Anderson, *Afinidades Seletivas*, São Paulo: Ed. Boitempo, 2002, p.176.

⁶ Unger, *Politics: A Work in Constructive Social Theory*, Cambridge University Press, 1987, em três volumes. Os títulos do primeiro e do terceiro são particularmente programáticos e sugestivos do seu ponto de vista teórico, respectivamente: *Falsa Necessidade*, *Teoria Social Anti-Necessitarista a Serviço da Democracia Radical*, e *A Plasticidade no Poder*.

⁷ As reflexões e interesses de Unger têm incluído, além do Brasil, outros países de fora do já não tão metropolitano Atlântico Norte, como em particular a China.

⁸ Richard Rorty, “Unger, Castoriadis, and the romance of a national future”, em *Essays on Heidegger and Others* (Cambridge University Press, 1991), p. 177 ss.

⁹ É a caracterização que lhe pôs um de seus integrantes, o Prof. Paulo Arantes, no livro que leva esse título.

¹⁰ O hegelianismo de esquerda de Unger pode ser sucintamente caracterizado como uma *réplica* do/ao (tanto no sentido de aproximação como de contraposição) marxismo, com ênfase na subjetividade livre (a “autoconsciência”), no futuro aberto e na radicalização, sem peias, da filosofia. Quanto ao seu lado semi-sartreano, não distante do anterior, ele pode ser encontrado em sua concepção do homem como liberdade, negatividade e autoconsciência prático-ativa, confrontada, de outro lado, pela inércia e “dadidade” do mundo. O elemento de proximidade com Sartre é sublinhado pelo Prof. Martin Stone, da Yeshiva University, em uma resenha do *Self Awakened*.

¹¹ Jürgen Habermas define-se como pragmatista em seu livro *Verdade e Justificação* (1999), onde chega a criticar o pragmatista norte-americano Richard Rorty por não sê-lo o suficiente. O também filósofo alemão Albrecht Wellmer pretende ser mais pragmatista do que ambos, em “Pragmatismo sem Idéias Reguladoras” (*Jürgen Habermas 70 Anos*, Tempo Brasileiro, 1999). Estudiosos brasileiros de Habermas muitas vezes parecem ter dificuldade em reconhecer seus vínculos com o pragmatismo. A noção de que o pragmatismo se desenvolveu em “cruzamento” com o hegelianismo é corroborada por Habermas (*vide* introdução a SOUZA, J. Crisóstomo de (Org.). *Filosofia, Racionalidade, Democracia: Os Debates Rorty-Habermas*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005).

¹² Nietzsche, aliás, também merece, sob certos aspectos, ser colocado entre os jovens hegelianos (ou pelo menos posto em relação mais próxima com eles), segundo procurei mostrar na minha comunicação ao XIV Encontro Nacional da Anpof (2010) e, de forma mais desenvolvida, num texto ainda a ser publicado. De outra parte, o traço nietzschiano é bem visível, por exemplo, nos pragmatismos de Ferdinand Schiller e Richard Rorty, e, no caso de Unger, particularmente em sua ênfase no alegado elemento irrestritamente criador e autocriador dos indivíduos.

¹³ No que diz respeito a suas concepções político-sociais, Unger pode ser aproximado, segundo diferentes aspectos, do campo comum a Pierre-Joseph Proudhon, Karl Marx e Ferdinand Lassalle, o dos reformadores sociais. Embora, no *Self Awakened*, Unger não desça a detalhes programáticos, ele tem interessantes e ousadas sugestões, muito contemporâneas, com relação a instituições políticas, economia, reformas, etc.

¹⁴ Para conhecer o perfil dos diferentes jovens hegelianos e entender melhor a aproximação que fazemos aqui, ver meu *Ascensão e Queda do Sujeito no Movimento Jovem Hegeliano*. Salvador, Ed. da UFBA, 1992.

¹⁵ Permanece assumidamente, para Unger, também no *Self Awakened* (p. 28), a influência de fundo do cristianismo: “Na verdade” — diz ele, algo surpreendentemente — “o filósofo cujos ensinamentos, em certos aspectos, têm o mais estreito parentesco com as ideias desse livro não foi nem pragmatista nem meu contemporâneo. Ele é Nicolau de Cusa, que viveu de 1401 a 1464.”

¹⁶ Ver SOUZA, José Crisóstomo de. “A Filosofia como Coisa Civil”. In SOUZA, J.C. de (org.): *A Filosofia entre Nós*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. Quanto à noção de poética pragmática, ver minha *homepage* www.jcrisostomodesouza.ufba.br.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. *Afinidades Seletivas*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

HAWTHORN, Geoffrey. “Practical Reason and Social Democracy”. In *Northwestern University Law Review*, Summer 1987, 81 Nw. U.L. Rev. 766.

RORTY, Richard. “Unger, Castoriadis, and the romance of a national future”. In RORTY, R. *Essays on Heidegger and Others*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

SOUZA, José Crisóstomo de. *Ascensão e Queda do Sujeito no Movimento Jovem Hegeliano*. Salvador: Ed. UFBA, 1992.

SOUZA, José Crisóstomo de. “A Filosofia como Coisa Civil”. In SOUZA, J.C. de (org.), *A Filosofia entre Nós*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

SOUZA, José Crisóstomo de (org). *Filosofia, Racionalidade, Democracia: Os Debates Rorty-Habermas*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

UNGER, Roberto Mangabeira. *Knowledge and Politics*. New York: The Free Press, 1975.

UNGER, R. M. *O Que a Esquerda Deve Propor*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2008.

UNGER, R. M. *Passion: an Essay on Personality*. New York: The Free Press, 1986.

UNGER, R. M. *Politics: A Work in Constructive Social Theory* (3 vols.) Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

UNGER, R. M. *The Self Awakened: Pragmatism Unbound*. Cambridge: Harvard University Press, 2007. Edição em língua espanhola: *El Despertar del Individuo. Imaginación y Esperanza*. México: Ed. Fondo de Cultura Económica, 2009.

UNGER, R. M. *The Critical Legal Studies Movement*. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

WELLMER, Albrecht. “Pragmatismo sem Idéias Reguladoras”. In *Jürgen Habermas 70 Anos*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.